



Lisbon Forum 2016

Migration and human rights How to structure effective collective action?

Best practices and shared knowledge in the
Mediterranean and European space

24-25 November 2016
Ismaili Centre, Lisbon

Press Review

Towards Strengthened Democratic Governance in the Southern Mediterranean

Funded
by the European Union



EUROPEAN UNION

COUNCIL OF EUROPE



CONSEIL DE L'EUROPE

Implemented
by the Council of Europe

Fórum Lisboa vai construir plano de ação para defender refugiados

Três refugiados do Iraque, Afeganistão e Síria vão partilhar os seus testemunhos de vida na 22.ª edição do Fórum Lisboa que, na quinta e sexta-feira, vai analisar o tema 'Migração e Direitos Humanos'.



© Reuters

País Direitos humanos

13:30 - 20/11/16 POR Lusa

"O Fórum vai arrancar com os testemunhos de três refugiados, que saíram do Iraque, Afeganistão e Síria e hoje são porta-vozes da luta de um refugiado", a partir do momento em que decide sair do país de origem, disse à Lusa António Gamito, diretor executivo do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, que organiza o Fórum.

Mina Jaf, refugiada de origem curda, dirige atualmente a organização não-governamental Women Refugee Route, Hanifa Karim, refugiada afegã e representante do Alto-Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR) e um estudante sírio da Plataforma Global de Assistência Académica a Estudantes Sírios, do ex-Presidente português Jorge Sampaio, vão apresentar as suas experiências.

"Atualmente, o Centro Norte-Sul tem também a responsabilidade de analisar e recomendar soluções para o fenómeno migratório", sendo por isso objetivo dos trabalhos identificar problemas e necessidades nos países de origem, trânsito e acolhimento, "retirar conclusões operacionais, distribuídas a todos os participantes, para criar uma rede e começar a construir um plano de ação" para proteger os direitos humanos dos refugiados nos países de origem, de trânsito e de destino, afirmou.

O debate vai contar com 50 representantes governamentais, parlamentos, autoridades regionais e locais e organizações da sociedade civil dos dois lados do Mediterrâneo, incluindo Itália, Grécia, Marrocos, Tunísia, Argélia, Turquia, Jordânia e Sérvia.

"O Centro Norte-Sul pode fazer uma ponte operacional entre o Norte, neste caso o Conselho da Europa, e o Sul, representado por múltiplas entidades e organizações internacionais, nomeadamente a ONU", afirmou.

O embaixador disse esperar que a escolha de António Guterres, antigo primeiro-ministro português e anterior Alto-Comissário da ONU para os Refugiados, para secretário-geral das Nações Unidas facilite o "acesso a determinados planos, agências e programas" da organização.

A mais-valia do Centro Norte-Sul é o trabalho junto da sociedade civil, sobretudo com as mulheres e os jovens, com programas autónomos, mas transversais ao fenómeno da migração, disse.

Para o diplomata, não se pode "falar de empoderamento das mulheres, sem falar do fenómeno da imigração, falar do desenvolvimento dos jovens, sem falar de inclusão nas sociedades de destino, nem falar de educação global, sem garantir aos refugiados educação nos países de origem ou de destino".

"É muito importante trabalhar nos países de origem, a criar as condições para que as pessoas não sintam necessidade de abandonar famílias, culturas e origens. Mas é igualmente importante que, nos países de acolhimento, jovens e mulheres possam participar naquilo que a sociedade lhes pode oferecer", sublinhou.

Na opinião de António Gamito, as instituições europeias não estavam preparadas para lidar com a onda migratória dos últimos anos, mas "é fundamental para a sobrevivência da UE e das suas conquistas" conseguir uma "solução definitiva e não precária" para este fenómeno.

"Cabe aos governos e à sociedade civil dar uma resposta clara aos argumentos demagógicos e aproveitamento político da diferença, da outra cultura. Se há espaço que foi feito de um universalismo enorme é o europeu", sublinhou.

Esta edição do Fórum Lisboa, subordinado ao tema "Migração e Direitos Humanos: como estruturar uma ação coletiva efetiva no espaço Euro-Mediterrânico?", vai abordar as respostas locais aos fluxos globais, o acesso aos direitos fundamentais e o êxito na integração.

Momento mais evidente do trabalho do Centro Norte-Sul, a edição deste ano do Fórum Lisboa é presidida por Lora Pappa, fundadora da ONG grega METAdrasi que se dedica à proteção de milhares de menores e crianças não acompanhadas que chegam à Europa através do Mediterrâneo. Pappa foi distinguida com o prémio Norte-Sul do Conselho da Europa no ano passado.

Estabelecido em Lisboa, em maio de 1990, o Centro Norte-Sul desenvolve a sua atividade em quatro grandes dimensões - educação para a cidadania, capacitação da juventude e das mulheres e migração.

Fundado a 05 de maio de 1949, o Conselho da Europa é a mais antiga instituição europeia em funcionamento, integrando 47 Estados, incluindo todos os países que formam a UE.

<https://www.noticiasaoiminuto.com/pais/691094/forum-lisboa-vai-construir-plano-de-acao-para-defender-refugiados>

Fórum de Lisboa do Centro Norte-Sul começa hoje a debater migrações

Três refugiados, do Iraque, Afeganistão e Síria, vão partilhar os seus testemunhos de vida na 22.ª edição do Fórum Lisboa do centro Norte-Sul que, hoje e na sexta-feira, vai analisar o tema 'Migração e Direitos Humanos'.

Mina Jaf, refugiada de origem curda, dirige atualmente a organização não-governamental Women Refugee Route; Hanifa Karim, refugiada afegã e representante do Alto-Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR) e um estudante sírio da Plataforma Global de Assistência Académica a Estudantes Sírios, criada pelo ex-Presidente português Jorge Sampaio, vão apresentar as suas experiências.

O debate vai contar com 50 representantes governamentais, de parlamentos, de autoridades regionais e locais e organizações da sociedade civil dos dois lados do Mediterrâneo, incluindo Itália, Grécia, Marrocos, Tunísia, Argélia, Turquia, Jordânia e Sérvia.

Esta edição do Fórum Lisboa, subordinado ao tema "Migração e Direitos Humanos: como estruturar uma ação coletiva efetiva no espaço Euro-Mediterrânico?", vai abordar as respostas locais aos fluxos globais, o acesso aos direitos fundamentais e o êxito na integração.

Momento mais evidente do trabalho do Centro Norte-Sul, o Fórum Lisboa é presidido este ano por Lora Pappa, fundadora da ONG grega METAdrasi que se dedica à proteção de milhares de menores e crianças não acompanhadas que chegam à Europa através do Mediterrâneo. Pappa foi distinguida com o prémio Norte-Sul do Conselho da Europa no ano passado.

Estabelecido em Lisboa em maio de 1990, o Centro Norte-Sul, instituição do Conselho da Europa, desenvolve a sua atividade em quatro grandes dimensões - educação para a cidadania, capacitação da juventude, das mulheres e migrações.

Fundado a 05 de maio de 1949, o Conselho da Europa é a mais antiga instituição europeia em funcionamento, integrando 47 Estados, incluindo todos os países que formam a UE.

<https://www.noticiasaminuto.com/pais/693428/forum-de-lisboa-do-centro-norte-sul-comeca-hoje-a-debater-migracoes>



Como pode a UE integrar melhor os refugiados? Guterres dá pistas



António Guterres assume a liderança da ONU no dia 1 de janeiro | Denis Balibouse-Reuters

Fundação Gulbenkian é um dos oito parceiros europeus que organizam encontro sobre formas de responder aos desafios migratórios.

António Guterres, secretário-geral eleito das Nações Unidas, intervém hoje em Lisboa sobre como melhorar as respostas à crise dos migrantes e dos refugiados com que a Europa se depara.

O tema da segunda edição do encontro anual *Vision Europe*, organizado por oito fundações - como a Gulbenkian, que acolhe a reunião deste ano - e instituições académicas europeias, tem em pano de fundo a entrada de mais de 1,5 milhões de migrantes na UE em 2015, colocando os Estados membros perante outros tantos pedidos de ajuda humanitária, asilo e integração.

O encontro, que junta parceiros oriundos do mundo político, empresarial, académico e da sociedade civil, começou ontem e visa debater os resultados de uma pesquisa sobre os obstáculos que a entrada na UE coloca aos migrantes e refugiados - desde a habitação à língua dos países de acolhimento, de encontrar trabalho aos apoios sociais.

O ex-presidente Jorge Sampaio abordou ontem o papel do ensino superior na resolução de crises humanitárias, enquanto o ex-ministro Miguel Poiães Maduro (enquanto professor do Instituto Universitário Europeu, de Florença) participou numa mesa redonda sobre "compreender, preparar e adotar respostas adequadas às migrações".

Encontrar um campo comum entre os Estados membros da UE para alcançar um consenso político relativo ao acolhimento, instalação e integração dos migrantes e refugiados na Europa, o desenvolvimento de medidas de ação rápida e eficaz que garantam uma resposta efetiva aos grandes fluxos de migrantes e refugiados ou, ainda, receber e assegurar a integração completa dos refugiados e migrantes que cheguem à Europa são alguns dos temas em debate. Na sessão de hoje participa também, entre outros, o ex-primeiro-ministro de Itália, Enrico Letta.

Centro Ismaili de Lisboa

O desafio das migrações também será debatido na 22.ª edição do Fórum Lisboa, organizado pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa e que decorre quinta e sexta-feira no Centro Ismaili. "Migração e Direitos Humanos" é o tema do Fórum, que conta com o testemunho de três refugiados oriundos do Iraque, Afeganistão e Síria, explicou à Lusa o diretor executivo do Centro Norte-Sul, embaixador António Gamito.

Esperando que a escolha de António Guterres como secretário-geral da ONU facilite o "acesso a determinados planos, agências e programas" da organização, Gamito adiantou que não se pode "falar de empoderamento das mulheres sem falar do fenómeno da imigração [ou] falar do desenvolvimento dos jovens sem falar de inclusão nas sociedades de destino".

<http://www.dn.pt/mundo/interior/como-pode-a-ue-integrar-melhor-os-refugiados-guterres-da-pistas-5510456.html>



Fórum Lisboa vai construir plano de ação para defender direitos humanos de refugiados (C/ÁUDIO)

*** Serviço áudio disponível em www.lusa.pt ***

Lisboa, 20 nov (Lusa) - Três refugiados do Iraque, Afeganistão e Síria vão partilhar os seus testemunhos de vida na 22.ª edição do Fórum Lisboa que, na quinta e sexta-feira, vai analisar o tema "Migração e Direitos Humanos".

"O Fórum vai arrancar com os testemunhos de três refugiados, que saíram do Iraque, Afeganistão e Síria e hoje são porta-vozes da luta de um refugiado", a partir do momento em que decide sair do país de origem, disse à Lusa António Gamito, diretor executivo do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, que organiza o Fórum.

Mina Jaf, refugiada de origem curda, dirige atualmente a organização não-governamental Women Refugee Route, Hanifa Karim, refugiada afegã e representante do Alto-Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR) e um estudante sírio da Plataforma Global de Assistência Académica a Estudantes Sírios, do ex-Presidente português Jorge Sampaio, vão apresentar as suas experiências.

"Atualmente, o Centro Norte-Sul tem também a responsabilidade de analisar e recomendar soluções para o fenómeno migratório", sendo por isso objetivo dos trabalhos identificar problemas e necessidades nos países de origem, trânsito e acolhimento, "retirar conclusões operacionais, distribuídas a todos os participantes, para criar uma rede e começar a construir um plano de ação" para proteger os direitos humanos dos refugiados nos países de origem, de trânsito e de destino, afirmou.

O debate vai contar com 50 representantes governamentais, parlamentos, autoridades regionais e locais e organizações da sociedade civil dos dois lados do Mediterrâneo, incluindo Itália, Grécia, Marrocos, Tunísia, Argélia, Turquia, Jordânia e Sérvia.

"O Centro Norte-Sul pode fazer uma ponte operacional entre o Norte, neste caso o Conselho da Europa, e o Sul, representado por múltiplas entidades e organizações internacionais, nomeadamente a ONU", afirmou.

O embaixador disse esperar que a escolha de António Guterres, antigo primeiro-ministro português e anterior Alto-Comissário da ONU para os Refugiados, para secretário-geral das Nações Unidas facilite o "acesso a determinados planos, agências e programas" da organização.

A mais-valia do Centro Norte-Sul é o trabalho junto da sociedade civil, sobretudo com as mulheres e os jovens, com programas autónomos, mas transversais ao fenómeno da migração, disse.

Para o diplomata, não se pode "falar de empoderamento das mulheres, sem falar do fenómeno da imigração, falar do desenvolvimento dos jovens, sem falar de inclusão nas sociedades de destino, nem falar de educação global, sem garantir aos refugiados educação nos países de origem ou de destino".

"É muito importante trabalhar nos países de origem, a criar as condições para que as pessoas não sintam necessidade de abandonar famílias, culturas e origens. Mas é igualmente importante que, nos países de acolhimento, jovens e mulheres possam participar naquilo que a sociedade lhes pode oferecer", sublinhou.

Na opinião de António Gamito, as instituições europeias não estavam preparadas para lidar com a onda migratória dos últimos anos, mas "é fundamental para a sobrevivência da UE e das suas conquistas" conseguir uma "solução definitiva e não precária" para este fenómeno.

"Cabe aos governos e à sociedade civil dar uma resposta clara aos argumentos demagógicos e aproveitamento político da diferença, da outra cultura. Se há espaço que foi feito de um universalismo enorme é o europeu", sublinhou.

Esta edição do Fórum Lisboa, subordinado ao tema "Migração e Direitos Humanos: como estruturar uma ação coletiva efetiva no espaço Euro-Mediterrânico?", vai abordar as respostas locais aos fluxos globais, o acesso aos direitos fundamentais e o êxito na integração.

Momento mais evidente do trabalho do Centro Norte-Sul, a edição deste ano do Fórum Lisboa é presidida por Lora Pappa, fundadora da ONG grega METAdrasi que se dedica à proteção de milhares de menores e crianças não acompanhadas que chegam à Europa através do Mediterrâneo. Pappa foi distinguida com o prémio Norte-Sul do Conselho da Europa no ano passado.

Estabelecido em Lisboa, em maio de 1990, o Centro Norte-Sul desenvolve a sua atividade em quatro grandes dimensões - educação para a cidadania, capacitação da juventude e das mulheres e migração.

Fundado a 05 de maio de 1949, o Conselho da Europa é a mais antiga instituição europeia em funcionamento, integrando 47 Estados, incluindo todos os países que formam a UE.

EJ // VM

Lusa/Fim

Centro Norte-Sul procura novos Estados-membros para aprofundar e diversificar atividade

Lisboa, 20 nov (Lusa) - O diretor executivo do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa afirmou estar à "procura de novos Estados-membros", entre os 47 que integram o Conselho da Europa, para "aprofundar e diversificar as atividades" deste órgão.

"São 47, temos muita matéria prima para trabalhar", sublinhou António Gamito, antigo embaixador português na Argélia, que assumiu a direção do Centro em setembro.

"Queremos que o Centro cresça, com a presença de mais Estados-membros, para ter mais dinheiro e poder contratar mais peritos e reforçar as nossas atividades" nas quatro grandes áreas de especialização: educação para a cidadania, capacitação dos jovens, das mulheres e migrações.

Nesse sentido, o Centro Norte-Sul pretende também que "atuais Estados-membros tenham uma atividade mais desenvolvida e presente", disse o diplomata, sublinhando que neste momento, a situação do Centro "é estável", em termos de membros, contribuições financeiras e atividades.

"Também estamos a tentar outros Estados-membros que não queiram necessariamente fazer parte do Centro, mas que se possam servir dele, com contribuições voluntárias, para desenvolver determinados projetos" em áreas onde o Centro tem competências adquiridas, explicou.

O objetivo do Centro Norte-Sul é trabalhar com o apoio dos Estados-membros, que dão a orientação, a sociedade civil de países que necessitam do Centro, "basicamente países do Sul e da Europa Ocidental", para fazer passar os valores que constam da declaração universal dos Direitos Humanos e que são os do Conselho da Europa, acrescentou.

Este trabalho só é possível com uma cogestão e coparticipação entre Norte e Sul, sublinhou.

"Através do diálogo, de uma interdependência, de solidariedade, de laços de confiança que queremos criar, o Centro Norte-Sul quer ser a voz dos países do Sul no Conselho da Europa, em Estrasburgo", explicou.

António Gamito disse aguardar a conclusão do processo de adesão da Argélia.

"Com Marrocos, Tunísia [que já são membros] e Argélia ficamos verdadeiramente com o Magrebe, que é importantíssimo para a nossa atividade. Faz parte da nossa fronteira a Sul e também é importante para a Europa ter países democráticos" no outro lado do mar Mediterrâneo, sublinhou.

"Quanto mais democracia espalharmos, mais seguros todos ficamos. Não vejo como é que, sem ser através da democracia, alguém pode estar seguro", afirmou.

O diplomata acrescentou que as áreas de atuação do Centro Norte-Sul poderão ser alargadas à medida que também se verifique um reforço de Estados-membros, com mais contribuições voluntárias e com mais recursos humanos.

"Vamos continuar a trabalhar na área das migrações, em que podemos contribuir em processos mais vastos, no sentido de se compreender melhor o que é o migrante e como devemos tratar a questão nos países de origem, trânsito e destino, no respeito dos direitos básicos, absolutamente essenciais à condição humana", disse.

Atualmente, o Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, estabelecido em Lisboa em maio de 1990, integra 19 Estados-membros - Portugal, Andorra, Azerbaijão, Bulgária, Chipre, Croácia, Espanha, Grécia, Liechtenstein, Luxemburgo, Malta, Montenegro, Roménia, Vaticano, São Marino, Sérvia, Cabo Verde, Marrocos e Tunísia.

Além de representar "a voz do Sul" no Conselho da Europa, o Centro Europeu para a Interdependência Global e Solidariedade, mais conhecido como Centro Norte-Sul, quer promover e transmitir os valores da democracia e direitos humanos nos países vizinhos.

Fundado a 05 de maio de 1949, o Conselho da Europa é a mais antiga instituição europeia em funcionamento, integrando 47 Estados, incluindo todos os países que formam a UE. EJ // VM

Lusa/Fim

Lisboa, 25 nov (Lusa) – O problema dos fluxos migratórios "está a arrastar-se" e a aumentar a "tensão Norte-Sul", reconheceu um responsável do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), falando em "falta de liderança".

À margem do Fórum Lisboa do Centro Norte-Sul, sobre o tema "Migração e Direitos Humanos", Amin Awad, um dos oradores e diretor do Gabinete para o Médio Oriente e Norte de África do

ACNUR, considera que o problema “está a arrastar-se” e que as recomendações que saem dos muitos encontros e conferências sobre o assunto têm de ser “concretizadas”.

A situação exige liderança nacional e internacional, daí que a expectativa em relação ao próximo secretário-geral das Nações Unidas, o português António Guterres, seja “muito alta”, admite. “Terá pano para mangas, desejo-lhe sorte”, comentou o ex-colega de trabalho de Guterres no ACNUR.

A “tensão Norte-Sul” tem, “para benefício de todos”, de se transformar num “entendimento Norte-Sul”, sublinha Amin Awad. Num mundo interdependente, “o Norte precisa do Sul e o Sul precisa do Norte”, observa.

“O mundo, gostemos ou não, está a ficar cada vez mais misturado. (...) Não há volta a dar. Não vale a pena construir barreiras, muros e vedações, é preciso adotar políticas”, apela.

Também presente na 22.^a edição do Fórum Lisboa do Centro Norte-Sul, que decorreu hoje e quinta-feira, no Centro Ismaili de Lisboa, a eurodeputada portuguesa Ana Gomes concordou que falta vontade política para resolver o problema dos fluxos migratórios.

“Estamos numa situação muito complicada, que ainda se vai agravar nos próximos tempos”, antecipa, referindo o crescimento das “retóricas xenófobas dos movimentos de extrema-direita e populistas”.

A movimentação de pessoas não vai parar, dada a situação nos seus países de origem, em parte resultado da “ineficácia da política externa europeia”, por “ação e omissão”, reconhece.

E, se países como Turquia, Líbano e Jordânia, que lideram a tabela do acolhimento de refugiados, estão a ser apoiados financeiramente pela União Europeia, “isso não chega, porque obviamente a questão é resolver o problema de fundo”, frisa.

“Não se trata apenas só de pagar para os ter longe, fora de portas, como, no fundo, tem sido, de alguma maneira, a política da União Europeia, trata-se de ir às causas” que levam as pessoas a deixarem os seus países”, contrapõe a eurodeputada.

Muito crítica da situação na Turquia, Ana Gomes acusa o Presidente Recep Tayyip Erdogan de exercer “chantagem” sobre a Europa e lamenta que esta “se deixe chantagear”.

Sobre o “acordo” entre a União Europeia e a Turquia, que, desde março, recambia para este país todos os migrantes que entram ilegalmente na Grécia, Ana Gomes é perentória: “Não há acordo nenhum. Há um ‘deal’, um negócio. Não está escrito, é um ‘statement’ apenas, que foi feito pela senhora Merkel [chanceler alemã] com o presidente Erdogan.”

Esse “acordo”, insiste, “é ilegal, à luz da Convenção das Nações Unidas para os Refugiados”.



Interview with Women Refugee Route Founder, Mina Jaf

<http://www.rtve.es/alacarta/videos/europa/europa-2016-25-11-16/3812280/> - minute 25



"Não temos campos de refugiados em Portugal, nem vamos ter"

Governo diz que refugiados em Portugal serão integrados em cooperação com autoridades locais



Eduardo Cabrita. Lusa/Manuel de Almeida

O Governo português quer integrar os refugiados através da cooperação com as autoridades locais e a sociedade civil, afirmou hoje o ministro-adjunto, Eduardo Cabrita.

O responsável português falava na sessão de abertura do 22.º Fórum de Lisboa, organizado pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, sobre "Migração e Direitos Humanos: como estruturar uma ação coletiva efetiva? Boas práticas e conhecimento partilhado no espaço Euro-Mediterrânico".

A estratégia de integração dos refugiados em Portugal é baseada no "trabalho com autoridades locais, com a Igreja católica e outras igrejas, e com organizações locais" em diferentes comunidades, disse.

Não temos campos de refugiados em Portugal, nem vamos ter", sublinhou.

O governo português quer integrar os refugiados a nível local, de acordo com as características de cada grupo e "quer que este seja um programa nacional", disse, explicando que há já refugiados a viver em 76 localidades do país.

Eduardo Cabrita afirmou que o governo português "está empenhado" em apoiar aos países que mais acolheram refugiados no ano passado, tendo enviado "propostas de cooperação bilateral" aos executivos alemão, sueco e austríaco.

Ao mesmo tempo, o governo do primeiro-ministro António Costa está a "desenvolver contactos diretos" com o governo italiano e grego, mostrando-se disponível para receber mais refugiados do que a quota definida pela UE. "Podemos até duplicar esses números", sublinhou.

Eduardo Cabrita afirmou estar orgulhoso de pertencer a um dos poucos governos europeus que não se confronta com qualquer partido, ou deputado que conteste esta política de acolhimento de refugiados.

Há divergências, mas não há posições xenófobas, nem partidos ou deputados contra a nossa política na questão dos refugiados", declarou.

O ministro-adjunto defendeu a necessidade de renovar a população ativa europeia com a integração dos refugiados e anunciou o desenvolvimento de dois programas de apoio para menores não-acompanhados e para a comunidade 'yazidi'.

"Solidariedade e boas intenções não são suficientes"

Antes, a presidente da edição deste ano do Fórum Lisboa, Lora Pappa, fundadora da ONG grega METAdrasi que se dedica à proteção de milhares de menores e crianças não acompanhadas que chegam à Europa através do Mediterrâneo, criticou a falta de coordenação e gestão entre as várias agências que, no terreno, apoiam os refugiados.

Não estamos a trabalhar suficientemente bem e os resultados não são os melhores", advertiu a laureada com o prémio Norte-Sul do Conselho da Europa no ano passado.

"Solidariedade e boas intenções não são suficientes. Apesar de serem fundamentais para começar o trabalho, este tem que ir além desses sentimentos", afirmou.

O desafio "de enormes proporções que representa a crise migratória "não vai desaparecer e pode agravar-se", alertou.

Vemos em todo o lado, à nossa volta, um aumento do nacionalismo, intolerância e xenofobia" que ameaçam os "valores de abertura, justiça, igualdade, humanidade e solidariedade sobre os quais foram construídas as sociedades ocidentais", declarou.

Três refugiados do Iraque, Afeganistão e Síria encerraram a sessão da manhã do Fórum com a partilha do trajeto percorrido e dos perigos que enfrentaram quando as famílias decidiram fugir do país de origem.

Mina Jaf, refugiada de origem curda, dirige atualmente a organização não-governamental Women Refugee Route, Hanifa Karim, refugiada afegã é representante do Alto-Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR) e Adam, um estudante sírio, veio para Portugal concluir os estudos superiores com o apoio da Plataforma Global de Assistência Académica a Estudantes Sírios, do ex-Presidente português Jorge Sampaio.

<http://www.tvi24.iol.pt/politica/eduardo-cabrita/nao-temos-campos-de-refugiados-em-portugal-nem-vamos-ter>



Immigration

Intégration des migrants au Maroc, un pari réussi

MAP* LE MATIN

25 November 2016 - 11:03



Le Maroc a élaboré une stratégie nationale en matière d'immigration et d'asile pour assurer aux migrants des conditions de vie dignes et d'insertion économique et sociale.

Le Maroc a réussi le défi de mettre en place une véritable politique d'intégration des migrants fondée sur des droits et des obligations, a souligné Zeina El Tibi, présidente déléguée de l'Observatoire d'études géopolitiques à Paris.

Intervenant lors du panel «L'accès aux droits : pour une intégration réussie» dans le cadre du Forum de Lisbonne (24-25 novembre), Zeina El Tibi a affirmé que «contrairement aux pays européens qui n'ont pas pris la peine de réfléchir à une véritable politique d'intégration de leurs migrants, le Maroc semble réussir ce défi», rendant hommage à cet égard à S.M. le Roi Mohammed VI.

En effet, a-t-elle dit, S.M. le Roi, qui sait anticiper les défis et les problèmes, comme on le voit avec le développement des énergies renouvelables, a initié en septembre 2013 une nouvelle politique migratoire du Maroc permettant une gestion plus humaine des flux des migrants clandestins.

L'objectif de cette approche royale du phénomène migratoire est de garantir une intégration réussie de ces migrants fondée sur des droits et des obligations, à travers notamment l'accès aux services de base (santé, éducation, emploi), a-t-elle noté, ajoutant que cette politique s'inscrit dans le cadre de la diplomatie africaine du Royaume et propose un exemple qui intéresse déjà de nombreux pays qui souhaitent s'en inspirer, comme la Côte d'Ivoire.

Et de souligner qu'une stratégie nationale en matière d'immigration et d'asile a été élaborée par le Royaume pour assurer des conditions de vie dignes et d'insertion économique et sociale.

Parmi les mesures prises, l'experte franco-libanaise a mentionné la régularisation de plusieurs centaines de personnes reconnues «réfugiés politiques» par le Haut-commissariat pour les Réfugiés, ajoutant qu'un statut pour les futurs demandeurs d'asile a été créé afin de faire face à l'afflux de migrants clandestins autrement qu'en les refoulant hors des frontières.

En même le temps, relève-t-elle, le Maroc a intensifié la lutte contre les réseaux de trafic et traite des êtres humains. «On sait en effet que le malheur des réfugiés est exploité sans vergogne par toute une mafia de profiteurs et de criminels qui organisent ces trafics ignobles», a-t-elle déploré.

zeina El Tibi, qui a aussi passé en revue l'expérience libanaise en la matière, a constaté que la question des migrants n'est pas ignorée au sud de la Méditerranée où des pays savent y apporter des solutions humaines et pratiques.

Pour sa part, Mohamed Bouzidene Yedri, président de l'arrondissement de Tanger-Mghougha, a mis l'accent sur l'expérience de la ville du Détroit en matière d'intégration des migrants qui affluent vers cette cité en provenance notamment de l'Afrique subsaharienne.

La ville du Détroit, qui constitue un point de passage entre l'Europe et l'Afrique, accorde une attention particulière à cette question à travers notamment la mise en œuvre de la stratégie nationale sur l'immigration et l'asile, en particulier dans son volet relatif aux défis économiques, culturels et sociaux, et qui considère la migration comme une opportunité pour le développement et non pas une entrave, a-t-il relevé.

Mohamed Bouzidene Yedri, qui s'exprimait dans le cadre du panel «Flux mondiaux, réponses locales», a souligné que la commune a adopté une politique basée sur l'intégration des migrants et des réfugiés dans la perspective de faire de la ville un espace de vivre ensemble et de cohésion sociale.

«Migration et droits humains : comment structurer une réponse collective efficace ?» est le thème de la 22e édition du Forum de Lisbonne. Une édition qui se propose de renforcer la sensibilisation à la crise des migrations et de promouvoir une gestion de cette problématique fondée sur la coopération régionale et internationale, par le biais des échanges des bonnes pratiques entre les pays membres du Conseil de l'Europe et leurs voisins du sud de la Méditerranée.

- See more at: <http://lematin.ma/journal/2016/integration-des-migrants-au-maroc-un-pari-reussi/258740.html>